

CONFISSÕES DE UMA MADRASTA

CAROL KLINE

Ao conhecer Larry, meu futuro marido, compreendi que era um pacote completo, incluindo McKenna, uma filha de dezoito meses, e Lorin, um menino de quatro anos, nos fins de semana.

No dia em que conheci as crianças, contornamos o lago com Larry carregando uma McKenna de fraldas no colo, enquanto Lorin corria atrás de sapos para me mostrar. Fiquei atordoada. Aquelas crianças eram uma imensa parte do homem que eu amava e, no entanto, tinham muito pouco a ver comigo.

Como é que essa história de madrasta funcionava?

Eu rapidamente me apaixonei pelo sorrisinho travesso de Lorin e o corpinho rechonchudo de McKenna, quentinho, contra o meu, quando eu a segurava no colo. Fui completamente tocada pela minha nova e encantadora "família instantânea", mas a mãe das crianças, Dia, já era outra história. Tínhamos um relacionamento cauteloso, as arestas de hostilidade existentes entre nós duas muito tênue e ocultadas. Eu fazia o possível para ignorá-la e me concentrava nas duas crianças adoráveis as quais ela dera à luz.

As crianças e eu nos dávamos bem, embora Lorin fosse um tanto reservado. Talvez fosse por lealdade à mãe ou por ser menino, ou, aos quatro anos, pelo simples fato de querer mais independência. McKenna, por ser tão pequenininha, não era dada a esse tipo de escrúpulos. Ela me amava e deixava isso bem claro, sem reservas, com uma doçura e inocência que tiravam o meu fôlego. Eu não conseguia resistir ao seu amor e, quando me apaixonei, foi de verdade. Quase que imediatamente formamos nosso próprio fã-club e mútuo - dois corações que pulsavam como um.

Na realidade foi McKenna quem primeiro me pediu em casamento. Estávamos sentadas, juntas, na sala de espera de um aeroporto, a caminho da casa dos pais de Larry. Com quase três anos, estava sentada no meu colo, de frente para mim, brincando com o meu colar. De vez em quando, olhava para o meu rosto com os olhos transbordando de adoração. Sorri, sentindo a presença de meu imenso amor por ela em meu coração. Larry estava sentado ao nosso lado e Lorin passeava pelas fileiras de cadeiras de plástico, fazendo barulhos de motor de carro com a boca. Para um observador desavisado, éramos uma jovem família como outra qualquer. Mas não éramos uma família porque Larry ainda não havia feito aquela pergunta. E muito embora eu não quisesse forçar a barra, nós dois sabíamos que minha paciência estava chegando ao limite. O que, eu me perguntava, estaria ele esperando?

Então, McKenna arrancou a chupeta da boca e, retribuindo o meu sorriso, perguntou, toda animada:

- Quer casar comigo?

Após um momento de sobressaltado silêncio, rimos até a barriga doer. Eu por simples deleite, Larry pela liberação da tensão e as crianças, simplesmente, porque os adultos estavam rindo. Felizmente, não

demorou muito para que Larry seguisse o exemplo da filha com o seu próprio pedido de casamento.

Com o passar do tempo, acostumei-me a ser mãe em regime de meio expediente - e a ter a mãe das crianças como parte inevitável de minha vida. Eu gostava de Dia, sinceramente, mas nossas posições pareciam exigir um certo grau de mau humor mútuo que eu fazia o possível para sufocar. Às vezes sentia o condenável desejo de que ela simplesmente sumisse. Abatida por uma doença rápida e indolor, ela, em seu leito de morte, me pediria para criar os filhos em seu lugar. Assim, as crianças ficariam conosco - seriam minhas de fato - e nós poderíamos formar uma família "de verdade".

Felizmente, isso jamais aconteceu. Eu não queria que ela morresse; apenas sentia ciúmes por ela ter tido filhos com o meu marido. Está bem, está bem, concordo que ele era marido dela naquela época - mas, ainda assim, a situação me exasperava. Vi as crianças crescerem, deixarem de ser bebês e passarem a frequentar a escola. A mãe deles e eu dávamos prosseguimento às nossas interações canhestras porém civilizadas, organizando o ir e vir das crianças, negociando férias e feriados.

Meus amigos viviam dizendo que quem tinha de lidar com a ex-mulher era Larry e, por algum tempo, tentamos isso. Mas como madrasta ativa e cheia de boa vontade para com as crianças, eu vivia me metendo nas decisões. Assim, Dia e eu acabamos voltando ao arranjo anterior e, com o passar dos anos, notei que nossos telefonemas foram mudando. Notei que gostava de conversar com Dia sobre as crianças. E acho que ela se deu conta de que havia poucas pessoas no mundo que tinham tanto interesse, que eram tão encantadas ou preocupadas com seus filhos quanto eu. Demos início a uma metamorfose lenta porém perceptível, completada no ano em que Dia me enviou um cartão de Dia das Mães me agradecendo por ser "co-mãe" de seus filhos.

Este foi o início de uma nova era para Dia e eu. E muito embora nem sempre tenha sido perfeita, tenho consciência de que tem sido extraordinária. Assim, tenho os meus próprios agradecimentos a fazer:

Obrigada, Dia, por ser grande o suficiente para compartilhar os seus filhos comigo. Se você não o fosse, eu jamais saberia o que é segurar um bebê adormecido e sentir a completa confiança demonstrada por aqueles membros flácidos, de pele sedosa, reunidos, com todo o cuidado, em meus braços. Jamais teria tido a oportunidade de me maravilhar com as curvas e desvios da mente de um menino enquanto tenta encontrar sentido num universo tão grande e complexo.

Jamais teria sabido que uma criança é capaz de chorar tão alto quando a barriga dói ou que, depois de vomitar, podia sorrir para a gente de forma tão radiante - as bochechas ainda molhadas de lágrimas, a dor já esquecida.

Eu jamais teria assistido a um menino pelear para se tornar a sua própria pessoa ou participado tão ativamente do processo de crescimento, tão dolorido e sério, de um adolescente. Não teria tido o formidável privilégio de assistir aquele molequinho chato de doze anos, que me enlouquecia com suas perguntas, se transformar num homem lindo, com um sorriso de muitos megawatts e uma personalidade encantadora. E, enquanto se prepara para ir para a faculdade, sei que está prestes a levar

uma nova geração de mulheres à loucura - por motivos completamente diferentes.

Não teria sentido a emoção de ver nossa linda filha no palco expressando-se com graça e com uma profundidade de sentimento antigo demais para alguém tão jovem. Ou de sentir a vaidade e o orgulho - completamente desmerecidos (e censuráveis) - quando um desconhecido comenta que McKenna se parece comigo.

Obrigada por transformar a manhã de Natal num evento comunitário para que as crianças jamais tivessem de se sentir divididas num dia que tanto amam. Olhei ao meu redor, um ano, e nos vi sentados ao redor da árvore de Natal enquanto os meninos distribuíaam os presentes. Lá estávamos, você e seu marido, Larry e eu, as crianças e... surpreendentemente, eu me senti em casa.

Compreendi, naquele momento, que você não precisava sumir para sermos uma família de verdade.

Claro que eu gostaria de ser uma mãe perfeita.
Mas estou muito ocupada cuidando dos meus filhos.